

CEDI**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte:

O Popular

Class.:

351

Data:

27.11.91

Índio perde tudo. Até a aldeia

Aruaná - As terras dos índios Karajá em Aruanã - cidade onde chegaram há mais de 130 anos e que recebeu este nome numa referência à festa mais tradicional da tribo - foram todas vendidas pelo Estado e tituladas em favor de outros, inclusive o próprio terreno de 10 mil metros quadrados onde está instalada a aldeia, registrada como propriedade da Prefeitura Municipal. O levantamento foi feito no cartório da Cidade por um grupo de jovens profissionais e estudantes do Projeto Karajá de Aruanã. Eles agora pretendem reivindicar ao Governo Federal a compra ou indenização de áreas que historicamente pertenciam aos índios, essenciais para plantio de suas roças e ampliação da zona residencial.

Segundo os coordenadores do projeto, Cida Alves e Acácio Gomes, há um século a União transferiu as terras devolutas para o Estado, que depois começou a vender títulos a preços simbólicos. Os terrenos menores, afirmam, foram doados para a comunidade e os maiores destinados a empresários de turismo de outras localidades, interessados na instalação de balneários, clubes e hotéis. Sem se preocupar com a legalização das terras, a nação Karajá acabou confinada em um lote às margens do Araguaia, ali fixando sua aldeia onde hoje vivem 42 pessoas, entre índios, mestiços e brancos casados com Karajá. A área vizinha à aldeia, conforme descobriu o grupo de jovens, está legalizada em nome da Pousada do Rio Quente e é considerada fundamental para a ampliação das casas da comunidade indígena.

Pra amenizar, pelo menos em parte, o problema da falta de espaço, o prefeito de Aruanã, Vilobaldo Nogueira, prometeu conceder cinco alqueires de terra em regime de comodato, já gradeada e arada, para que os Karajá possam plantar. Resta conseguir o adubo e as sementes selecionadas, que os participantes do projeto tentarão obter junto a comerciantes de Goiânia. A Funai cuidará do frete. O Prefeito também comprometeu-se a oferecer tijolos e telhas para os índios que quiseram construir casas de alvenaria, além de garantir a construção de um centro comunitário e doação de um freezer para estocagem de peixes. De seu lado, a Funai providenciou a recuperação do barco, que há 11 meses estava parado, impedindo que os Karajá trafegassem pelo Rio Araguaia.

A intenção dos voluntários participantes do Projeto Karajá de Aruanã é de fazer um trabalho de parceria com a Superintendência da Funai, que em junho último criou um posto indígena em Aruanã, designando para sua chefia o indigenista Heleno Gonçalves, responsável pela reativação da granja da aldeia. Na próxima segunda-feira, o grupo de jovens manterá contato com o superintendente Amilton Gerônimo de Figueiredo, para expor suas propostas. A equipe esteve na aldeia na semana passada, quando deu continuidade a seu trabalho de documentação e assistência aos índios, sob a orientação científica dos antropólogos Manuel Filho e Mário Arruda, da Universidade Católica de Goiás.